

EXPEDIÇÃO A PARATI

SE o Dr. Jânio quer mesmo endireitar este país, eu lhe digo: vai ter muito que fazer. É que não há apenas os grandes problemas — dar casa, comida, saúde e educação à massa do povo — há mil probleminhas, tudo está minuciosamente errado e largado, parece uma casa de família grande e pobre, casa desarrumada e suja, sem ordem, em que ninguém ouve ninguém, não há hora nem norma para nada. Eu até que não tenho muita razão de me queixar; vou me arranjando pelo meu lado, me defendo, e quando Deus é servido (ou está distraído) tenho até minhas alegrias grandes e pequenas, minhas beiras de rio, minhas brisas.

... Mas não custava, por exemplo, tirar esses avisos todos da Avenida Brasil e da Avenida das Bandeiras dizendo que pista devem seguir os coletivos e carros de carga. Ninguém obedece, cada um mete os peitos como pode. Será que a Refinaria de Mangueiras precisava mesmo cheirar tanto e tão mal? Será que esses caminhões precisavam jogar tanto fumo na cara da gente? Inventam tanta coisa, será que não inventarão uma refinaria inodora e um caminhão sem fumaça? À direita da avenida há centenas de urubus e sobre eles passam pequenos aviões de treinamento, ao mesmo tempo que chegam grandes aviões transatlânticos; não é bicho demais voando na mesma zona, não é verdade que isso já custou a vida de muita gente boa? E por que esses sinais luminosos são tão pequenos e tão fracos que durante o dia, a alguns metros, é difícil saber se a luz acesa é a verde ou a vermelha?

Vamos no rumo de S. Paulo; a estrada aqui é boa (mais longe ficará ruim) e a paisagem está bem verde, o carro anda bem, sentimos paz. Tenho uma fantasia antiga: ir a Parati. Não embarcando em Mangaratiba ou Angra, mas pela rodagem. Olho os mapas. É perto de Guaratinguetá que a gente deve entrar à esquerda; são 50 quilômetros até Cunha. Conheço a estrada; é de terra, mas é boa, com fazendinhas de gado, latas de leite à beira do caminho. De Cunha até Parati sei que há uma serra; mas o mapa da Esso diz que são só 34 quilômetros, e o mapa da Texaco, mais

amigo, dá apenas 28. Quem quiser que vá atrás desses trustes imperialistas: são 51 quilômetros, contamos na ida e na volta, são 50 quilômetros no mínimo, mesmo que você dê ao seu carro o máximo.

Não aconselho a viagem à minha pior sogra; mesmo sem chuva é duro, e confessarei que choveu na volta, ainda bem que nós já tínhamos passado o trecho mais amargo, que é entre Cunha e a divisa do Estado do Rio. Dizem que vão fazer uma estrada nova; convém esperar. Na verdade não há muita pressa em ir a Parati, a cidade e vocês podem esperar mais alguns séculos. A paisagem é linda, há ruazinhas antigas perfeitas, duas igrejas bonitas, uma outra maior feia por fora, de torres curtas. Bonitos sobrados há. E a maré entra pelas pedras das ruas, há um riozinho que desemboca perto, pelo jeito das águas deve ser bom para pescar robalo, dizem que dá cavalas.

Passa um padre. É moço e preto e passa em uma lambreta colorida. Até aí tudo perfeito; mas quando queremos dormir a sesta ouvimos a voz do vigário no alto-falante explicando o que é a Fé; depois uma longa história de Luís XIV e Colbert, com a moral no fim. Foi para ouvir essas coisas que viemos a Parati?

Nosso cicero, muito simpático, o Irênio Marques, jovem presidente da Câmara Municipal, concorda: os alto-falantes são a praga pior do interior do Brasil; lembro-me de outra cidadezinha em que havia dois, um do padre outro do pastor protestante, ambos aos berros.

Ouvimos trechos de um jogo de futebol e vários anúncios comerciais; não, esta não é a Parati dos meus sonhos; adeus! Na estrada, as Casas Pernambucanas sujam todas as porteiras com anúncios. Ainda bem que isso não é proibido; se fôsse, seria uma proibição e um abuso a mais. O melhor é voltar para Ipanema e sonhar com outro Brasil mais modesto, em que as igrejas falem apenas pela voz dos sinos e pelo menos não haja anúncio nas porteiras, ou pelo menos nas porteiras não haja anúncios, e nos seja dado em algum pasto humilde ter o sossêgo simples dos bois.